

Dossier especial “Los juguetes antropomorfos”**Zordan, P.**Departamento de Artes Visuais
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Correo: paola.zordan@gmail.com

Cita: Zordan, Paola. Dossier especial *Los juguetes antropomorfos* en Revista *Lúdicamente*, Vol. 5, Nº10, Año 2016 Octubre, Buenos Aires (ISSN 2250-723x).

Minha infância, nos anos 1970, foi marcada por um brinquedo que era a grande narrativa de uma família de duas irmãs e seus maridos, Falcom e Matinhos. Foram mais quase dez anos de um brinquedo ininterrupto, com grande participação de minha irmã. Quando completei uns oito anos de idade o marido passou a se chamar Falcom. Esse era um boneco articulado para meninos, mas eu tinha ganho um para marido, substituindo um que se chamava Beto, um boneco com forma masculina e sem nada no meio das pernas, tanto que foi partido ao meio quando meu irmão tentou colocar um prego ali. Matinhos também acabou virando um Falcom, mas começou com o boneco de plástico do filme *Aristogatas* e nunca mudou seu nome para outra coisa que não fosse Matinhos. Os bonecos dos *Aristogatas* foram determinantes na nossa vida. Eram uma família que quase foi despedaçada, eram filhos de uma rica senhora parisiense, já tinham superado um mordomo mau. Naqueles tempos, quem não tinha ido ao cinema sabia tudo dos filmes das grandes produtoras por livros ilustrados. Tudo o que sabíamos deles vinham de cinco páginas. A família da gata Duquesa com os gatinhos Marie, Berlioz e Toulouse, com Matinhos, tinham sido um presente quando eramos muito pequenas. Por isso esse brinquedo começou muito cedo, numa tenda de índio montada no quarto das crianças e terminou com prateleiras construídas exclusivamente para abrigarem as miniaturas do que eram as nossas casas: a casa da Susi e a casa da Duquesa. O nome do brinquedo era Susi, em referência às bonecas que correspondiam ao que hoje no Brasil se usa como Barbie: uma figura proporcional a uma mulher adulta, em geral loira, que as meninas brincam e que apresentam linha de produtos em miniatura o suficiente para mobiliar uma casa completa. Mas nunca ficamos apenas em nossas casinhas arrumadas com pequena mobília.

Ir num palácio muito chique era entrar com os bonecos dentro da cristaleira e passear entre garrafas de licor. A gata Duquesa era uma fantasia da minha irmã, cuja família, numa fase mais escolar do brinquedo, era a estrela Aristogata da Disney, portanto, usava aquela “roupa” de gato. Os personagens gostavam de suas fantasias, mas Duquesa logo virou uma fantasia no armário e tomou o corpo da boneca estereotipada. Não tinha problema, pois Susi e Duquesa ficavam paradas numa cadeira de suas mesinhas sempre organizadas na prateleira “casa” ou deitadas em suas camas de casal com os maridos. A rigor eram as mães e praticamente, para todos os efeitos, nunca foram protagonistas. Toda ação ocorria entre os filhos, os bonecos pequenos que transitavam por toda a casa e viviam muitas aventuras. Toulouse, o gato amarelo, principal protagonista da brincadeira da minha irmã, por exemplo, nunca deixou de ser um gato de plástico, embora fosse um menino que jamais tirava sua fantasia. Com a prima Laisa, a caçula da minha Susi, se metia nas maiores enrascadas, dentro de uma geladeira, bagunçando um restaurante, fazendo ondas enormes na banheira que se tornava a “piscina do clube”. Marie, a gatinha branca, também se mantinha como gata, embora logo minha mãe tenha providenciado uma pequena boneca, Kitty, a mesma que eu usava como filha mais velha, para ser a filha da família da minha irmã. Berlioz, o gato marrom, caçula de Duquesa, ficou anos fora da brincadeira, “viajando no exterior”, porque o gatinho de plástico estava perdido. Anos depois apareceu dentro de uma almofada para voltar a participar da turma. Não havia um boneco pequeno que pudesse substituir os gatos na forma de um menino. E por que gatos não podem ser como meninos?

